

4. A ALEGRIA DO CRISTÃO:

4.1 “EU SOFRO QUANDO NÃO SOFRO” (PE PIO)

Transformar as emoções negativas em sentimentos positivos de amor

É muito claro que para Jesus a cruz coincide com o máximo amor. Deus é amor! Portanto o verdadeiro e pleno rosto humano de Deus é o “sacrifício” da cruz, por amor. Consequentemente, por quanto difícil seja, PARA O CRISTÃO A CRUZ é uma forma de SER E VIVER: “Com Cristo eu fui pregado na cruz. Eu vivo, mas não mais eu, é Cristo que vive em mim... me amou e se entregou por mim!” Gl 2,19-20

O significado da Cruz é expresso muito claramente no Evangelho de João, que faz coincidir a CRUZ com a GLORIA, com a HORA suprema de Jesus, com o máximo AMOR: CUME DA “HORA” DE JESUS, CUME DA DOR, CUME DO SEU AMOR, CUME DA “FELICIDADE”: “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que tinha chegado a sua HORA, hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, AMOU-OS ATÉ O FIM” (Jo 13,1).

Para São João o MÁXIMO DA GLORIA É DA

ALEGRIA COINCIDE COM O MÁXIMO DO SOFRIMENTO, DA MORTE, DO SACRIFÍCIO:



“Amo-os até o fim (“telos”). Repetimos que a palavra que São João utiliza para dizer “fim” é “telos” em grego, que significa “cume”, “topo”, “vértice”, “ponto máximo” e esse ponto supremo do amor, para São João, é a cruz. Portanto o CUME DO AMOR E DA ALEGRIA É TAMBÉM O CUME DA DOR! É isso que nos ensina Jesus no Evangelho de São João.

Pouco antes de morrer, na cruz, Jesus pronunciou sua última palavra, que foi: “teTELEstai”! É o FIM! Tudo está cumprido!

Não é difícil notar que a palavra “teTELEstai” vem da palavra “TELOS”, que significa: tudo foi cumprido! Tudo chegou ao vértice, tudo foi realizado! João coloca bem em destaque a unidade entre essas frases: “Amou até o FIM...”

“Tudo chegou ao FIM” e esse “FIM” era claramente a cruz, porque depois de algum instante Jesus deu o grande grito da morte!

A partir da mesma palavra “pivô” (FIM-TELOS) presente nas frases da paixão, podemos entender que O CUME DO AMOR É TAMBÉM O CUME DA DOR, é a MORTE DE CRUZ.

Enfim, o evangelista acrescenta no famoso capítulo 17: “Sejam perfeitos na unidade” (a palavra usada é de novo “teTELEiomenoi”... que vem sempre do verbo “teleo”, cuja raiz vem da palavrinha “telos”, que começamos a conhecer. Portanto, João intende dizer:

“Sejam aperfeiçoados, “consumidos”, “lapidados” na unidade, sejam “plenificados” no amor, cheguem ao vértice da unidade que é a “morte por amor”, como a minha...

Sendo que a palavra “telos” para São João indica o ápice, o fim que é a cruz, poderíamos traduzir **“sejam crucificados na unidade”** ... Isso é muito sério, porque não há outro modo de ser cristão a não ser crucificados com Jesus, igual Jesus, pela vida inteira, nessa terra.

Diante disso, seguramente vem a pergunta: como pode ser? O mundo me ensinou a fugir do sofrimento e Jesus me ensina que o único caminho do amor, nessa terra, é o sofrimento; o único caminho da felicidade é a entrega total por amor, morrer por amor! Como isso pode se tornar realidade em mim, sendo que, quando sofro, sofro e não sinto nada de alegria, só percebo o sabor amargo da morte, mesmo que de longe, e quero fugir...eu não desejo o sofrimento!

Aqui está a revolução mais incrível que o cristianismo trouxe, a verdadeira reviravolta da história pessoal e do mundo: Jesus nos ensina a transformar todo sofrimento em amor, toda **emoção negativa** em um **poderoso sentimento positivo de amor e unidade**, numa escolha de amor, como ele nos mostrou com clareza na quinta-feira santa, com sua **PLENA ALEGRIA**.

A cruz esmaga quem não a abraça e plenifica os que a amam!

Os que acolhem a cruz são capazes de transformá-la em uma fonte de sentimentos de amor, de escolhas de amor. O caso mais simples é a mãe, que é “treinada” para isso pela vida... as dores que lhe vem do pecado se tornam trampolim de sua santidade e lhe permitem de retornar à primitiva inocência:

“Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza se há de transformar em alegria. 21Quando a mulher

está para dar à luz, sofre porque veio a sua hora. Mas, depois que deu à luz a criança, já não se lembra da aflição, por causa da alegria que sente de haver nascido um homem no mundo. 22**Assim também vós: sem dúvida, agora estais tristes, mas hei de ver-vos outra vez, e o vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria”** (Jo 16, 20-22).

Olhando para Jesus, logo podemos entender tudo isso. Morrendo na Cruz Jesus morreu:

- à sua vida de paraíso
- ao seu ser igual a Deus
- à sua paz
- à sua felicidade do céu
- à suas perfeições porque se tornou “Carne” imperfeita e pecadora (sem ele pecar nunca)
- ao seu Pai “Meu Deus, meu Deus porque me abandonaste?”
- à sua mãe: “Mulher eis o teu filho”...

E esse amor sacrificial o faz exclamar: que tenham eles também a plenitude da minha alegria! É a plena alegria de quem ama. Se você olhar para a renúncia, então nascerá em você o sabor amargo da tristeza e da morte, mas se você olha para o amor, nascerão em você lágrimas de alegria! Não existe amor fora do terreno do sacrifício. Só a árvore do sacrifício dá frutos de amor, o restante é pura ilusão enganosa.

Se perguntássemos a uma mãe, se é maior a dor ou o amor, ela não saberia falar, porque as duas coisas são uma só: sem dor não há amor, sem dor, o amor é uma ilusão platônica. O amor é feito de dor, de sacrifício. Quem não é capaz de se sacrificar, não é capaz de amar. Essa é a vida. No dia que fazemos a escolha de amar, inicia o nosso martírio! Da mesma forma que um casal que faz a escolha de ter um filho está fazendo a escolha de morrer na cruz por esse filho: a imensa alegria de ter um filho é a imensa alegria de se sacrificar por ele. Mãe é mãe porque nos deu a vida, no sentido que nos colocou no mundo e no sentido que deu a vida dela por nós. Esqueceu do seu descanso, de seu cansaço, de suas dores... se tornou escrava por amor, perdeu sua “beleza física”, seu bem-estar pelos seus filhos, para fazer seus filhos bonitos: ela “murchou” e deu a sua beleza ao filho!

Sempre lembraremos de uma mãe que tinha perdido o marido há poucos dias e se encontrava com uma criança recém-nascida. Seus seios estavam rachados, mas ela quis igualmente amamentar seu bebê porque não sentisse falta do pai. Ela apertava um pano entre os dentes para vencer a dor que seu filhinho lhe provocava mamando, mas não desistia. Aqui você pode ver com clareza que o amor coincide com a dor e quem foge disso não ama e nunca será feliz!



Jesus é o grão de trigo que caiu na terra e morreu de verdade.

Jesus nos ensina a tomar a firme decisão de morrer pelos nossos irmãos, de fazer da nossa vida um Holocausto de amor, um sacrifício de amor e nos ensina a nos anular por amor. Quanto mais uma pessoa sobe na cruz com Jesus, tanto mais poderá dizer com Jesus: “Eu sou”, eu alcancei a minha plena realização, minha plena felicidade.

Esse é o cume da nossa “Consagração batismal”. Cristo morreu por nós para nos reerguer, resgatar, salvar e ressuscitar. Mas a vida de um homem novo ressuscitado consiste na firme decisão de morrer, dar a vida, se aniquilar como Jesus. Não é suficiente Jesus pregar para salvar o mundo, precisou Ele morrer de uma morte infame, por amor. Só do púlpito da cruz, Jesus pode atrair todos a si.

Não se trata de palavras, mas de atos, escolhas sem retorno. Pensemos em todos os grandes que sacrificaram a própria vida pelos irmãos, como São Damião de Molocai na ilha dos leprosos. Morrer é duro. Uma coisa é assistir um filme, ler

um livro sobre a morte de um santo e uma outra coisa é “morrer” como um santo, como Jesus.

O homem é feito para a vida e todas as suas fibras mais profundas se rebelam diante da morte. Essa é uma lei que Deus colocou em cada ser vivo, mas o pecado ofuscou essa consciência de que a vida consiste em “dar a vida”, se segurá-la:

“Quem se apega à sua vida, perde-a; mas quem não faz conta de sua vida neste mundo, há de guardá-la para a vida eterna... Minha alma está perturbada. E que direi? ‘Pai, livra-me desta hora’? Mas foi precisamente para esta hora que eu vim” (Jo 12,25).

Nós temos medo de morrer, essa é a verdade e fazemos consistir a vida em “prazeres” que nos tiram o “grande prazer” que é ***se sacrificar pelos irmãos e para Deus***, se deixar “devorar”, se colocar entre os dentes da pessoa amada.

Atenção, porque isso não é algo que ocorre quando nos relacionamos com “inimigos”, mas algo normal que faz parte do relacionamento

de comunhão entre “amigos”: *“Não há amor maior de quem dá a vida pelos amigos”: nos entregar uns aos outros, isso é que significa “nos amar uns aos outros”.*

Morrer significa ter a coragem de se perder, renunciar a um estado de vida para re-nascer num outro. É uma viagem que não tem volta. Quem morre não ressuscita mais à sua vida de antes, do jeito de antes. O próprio Jesus não voltou a viver a sua vida terrestre de antes, mas ressuscitou como um “ser celeste”, com seu corpo, que ainda trazia as marcas da paixão, mas era bem diferente... passava pelas paredes... Era o mesmo e era diferente, tanto é que os discípulos custavam a reconhecê-lo. Tudo se recupera em cêntuplo, mas cadê o grão que morreu? Cadê a sua cor amarela? Cadê a sua pele lisa? Nessa aventura de sacrifício total de nós mesmos, teremos a surpresa que nunca morreremos, pelo contrário viveremos, encontraremos a nossa vida plena a plena alegria, realizaremos a nossa mais verdadeira personalidade, mas não será como pensamos e prevemos. O amor mata o nosso individualismo; o nosso humano instinto de “auto-afirmação” deverá ser imolado no altar do amor. Assim, verdadeiramente “mortos a nós mesmos”, conseguiremos ressuscitar capazes de unidade total.

Diz São Tomaso de Aquino: *“Sendo que quem ama se transforma em quem é amado, o amor introduz o amante no amado e reciprocamente, numa maneira tal que não existes nada do amado que não esteja unido àquele que o ama”.*

São iluminantes as palavras de São Paulo da Cruz: *“O amor é força de união e faz seus os tormentos do Bem muito amado. Este fogo vai até à medula, converte o que ama no amado. De modo mais profundo, o amor se mistura à dor, e a dor, ao amor. Há, então, uma mistura de amor e de dor tão estreita que não se pode separar o amor da dor, nem a dor, do amor. Por isto, quem ama se alegra com sua dor, e exulta em seu amor sofredor”* (São Paulo da Cruz, Cartas II)

Em outra ocasião, São Paulo da Cruz repetia: *“De modo mais profundo, o amor se mistura com*

a dor e a dor com o amor. Há então uma mistura de amor e de dor tão estreita que não se pode separar o amor da dor, nem a dor, do amor. Por isso quem ama se alegra com sua dor e exulta em seu amor sofredor...”.

E mais ainda: *“Coisa excelente e muito santa é pensar e meditar sobre a Paixão do Senhor, pois por este caminho chegamos à união com Deus. Nesta escola tão santa aprende-se a verdadeira sabedoria. Foi aí que todos os santos a estudaram... Sede, portanto, constantes na prática de todas as virtudes, imitando, de modo particular, o suave Jesus sofredor, porque é isto o cume do puro amor. Procedei de modo que todos reconheçam que trazeis não só interior, mas ainda exteriormente, a imagem de Cristo crucificado, modelo de toda doçura e mansidão. Quem está interiormente unido ao Filho do Deus vivo, revela no exterior sua imagem pelo contínuo exercício da virtude heroica, principalmente pela paciência cheia de força que nem em segredo nem em público se queixa. Portanto, escondi-vos em Jesus crucificado, sem desejar coisa alguma a não ser que todos em tudo aceitem sua vontade”.*

Essas reflexões nos ajudam a “nos estender” voluntariamente, como Jesus, na cruz, no sofrimento, porque o sofrimento é o maior canal do amor. Fugindo da cruz, nós fugimos do amor, fugimos da missão, fugimos de Jesus, porque ele é o perene Crucificado e, enquanto crucificado, ele é EXALTADO NA GLORIA DO CÉU! Não há outro modo de amar a não ser se sacrificar pela pessoa amada, seja ele Deus, seja ele um filho de Deus.

Por isso os santos morriam com o sorriso nos lábios... Vamos ler a história de Santo Inácio de Antioquia. Eis o que ele escreveu pouco antes de ser devorado pelas feras no Coliseu: *“Tenho escrito a todas as Igrejas e a todas elas faço saber que com alegria morro por Deus, contanto que vós não me impeçais. Suplico-vos: não demonstrei por mim uma benevolência intempestiva. Deixai-me ser alimento das feras, porque, através delas, pode-se alcançar a Deus. Sou trigo de Deus: que seja eu triturado pelos dentes das feras para tornar-me puro pão de Cristo!*



Instigai, ao contrário, os animais para que neles encontre o meu sepulcro e nada reste de meu corpo para não ser pesado a ninguém, depois de adormecer. Então serei verdadeiro discípulo de Cristo, quando o mundo não mais vir sequer o meu corpo. Suplicai a Deus por mim, que por este meio me torne uma hóstia para Deus. [...]

Que nada, tanto das coisas visíveis quanto das invisíveis, segure o meu espírito, a fim de que eu possa alcançar a Jesus Cristo. Que o fogo, a cruz, um bando de feras, os dilaceramentos, os cortes, a deslocação dos ossos, o esquartejamento, as feridas pelo corpo todo, os duros tormentos do diabo venham sobre mim para que eu ganhe unicamente a Jesus Cristo! [...]

Procuro aquele que morreu por nós: quero aquele que por nós ressuscitou. Meu nascimento está iminente. Perdoai-me, irmãos! Não me impeçais de viver, não desejeis que eu morra, pois desejo ser de Deus. [...]

Vivo, vos escrevo, desejando morrer. Meu amor está crucificado. Não há em mim um fogo que busque alimentar-se da matéria, apenas uma água viva e murmurante dentro de mim, dizendo-me em segredo: 'Vem para o Pai!' [...] Se for martirizado, vós me quisestes bem. Se for rejeitado, vós me odiastes."

Tem um antigo documento de um "anônimo soldado" que escreveu sobre os cristãos dessa forma: "Nos diferentes lugares onde eu andei, tenho ouvido falar muito dos cristãos. Mas preso, como sempre, dentro do quartel, jamais tive oportunidade de vê-los. E, para ser franco, não havia me interessado em conhece-los, até esses últimos dias. Tenho ouvido notícias comuns de sua imoralidade, de seus vícios secretos, suas

desleais doutrinas. E, naturalmente, até pouco tempo atrás, eu acreditava nisso tudo. Há alguns dias atrás, estive no Coliseu. Somente ali aprendi algo a respeito dos cristãos. Vi o gladiador Macer, um homem para quem o temor era desconhecido, entregou sua vida calmamente ao invés de praticar o que achava errado. Vi um ancião enfrentar a morte com um sereno sorriso nos lábios. Acima de tudo, vi um grupo de moças que entregaram sua vida às feras selvagens com um cântico de triunfo: "Ao que nos amou, ao que nos lavou de nossos pecados", cantavam...

Foi ali, pela primeira vez, na minha vida, que vi a morte derrotada. Naturalmente posso enfrentar a morte sem temor, como também cada soldado em campo de batalha, porém essa é a nossa profissão. Mas aqui não se trata de soldados, senão de crianças, que estavam cheios dos mesmos SENTIMENTOS maravilhosos em seus corações... Desde então não tenho conseguido pensar absolutamente em nenhuma outra coisa. Quem os amou? Que é Ele que os lavou de seus pecados com seu sangue? Quem é Ele que dá essa coragem sublime e essa esperança viva dentro de você?

Tenho visto homens e mulheres que deixaram amigos, lares, honras e riquezas para viver em necessidade, temor, aflição e não consideraram isso como perda por causa desse Cristo, de que vocês falam. Nem mesmo suas próprias vidas valorizam..."

Seria muito importante ler as Atas dos mártires, para entender quais sentimentos Jesus fazia nascer no coração de quem estava entregando sua vida. Mas vamos juntos, agora ler o testemunho de Santa Tereza do Menino Jesus.